

# PERSEGUIÇÃO SEM FIM



Em entrevista à revista Focus, o Padre Júlio Lancelotti fala sobre a mais recente onda de ameaças e perseguição política que tem recebido. Nas redes, milícias digitais espalham mentiras em ataque a sua obra com pessoas em situação de rua e a cracolândia, em São Paulo.

**focus**  
**BRASIL**

Fundação Perseu Abramo 15 de Janeiro de 2024 Nº 126

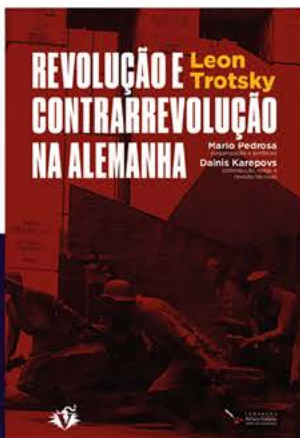
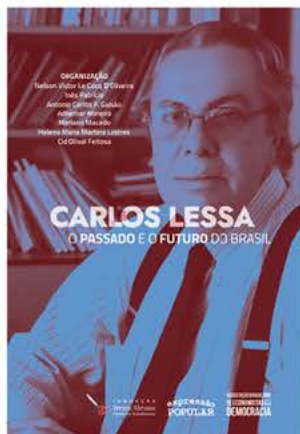
Governo lança o "Enem dos Concursos"

Regulação das plataformas: agora vai?

Lewandowski é o novo ministro da justiça

Artigo: o que acontece agora no Equador

# CONHEÇA A FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO



## 27 ANOS PRODUZINDO CONHECIMENTO E FORMAÇÃO POLÍTICA

Fundação Perseu Abramo | Formação | Publicações | Memória | Teoria e Debate | Acervo Social | Observa BR

ASSINE

POLÍTICA | ECONOMIA | CULTURA | MEIO AMBIENTE | PÚBLICO | INTERNACIONAL | SOCIAL | PERIFÉRIAS | PODCAST | VÍDEOS | ÁGENDA

### formação FPA

CLIQUE AQUI E ACESSA NOSSOS CURSOS

- CASB** Lançamento do Documento Inicial do Grupo de Trabalho Técnico do PT: AS CLASSES TRABALHADORAS BASE DOCUMENTADA EM **TEORIAS E PRÁTICAS**
- FORMAÇÃO SOCIAL** Lançamento de Economia Solidária: Formação Social: **9 SÃO PAULO** e **2 SÃO JERÔNIMO**

**LANÇAMENTOS**

- SOCIAL** Cultura política no Brasil é tema de relatório de reflexão
- LANÇAMENTO DO PAINEL DE DADOS DAS PERIFÉRIAS**

**PERIFÉRIAS**

- Painel reúne conjunto de pesquisas realizadas pelo projeto Reconexão Periférias

### Publicações

- RECONEXÃO** Revista Reconexão Periférias - maio 2023
- VIVER POR CONTA PRÓPRIA** Viver por conta própria

### Conteúdo recente

- HOMENAGEM** Vladimir Pomar presente, agora e sempre! Valter Pomar
- HOMENAGEM** Vladimir Pomar: perdemos um valeroso militante da esquerda brasileira Diretor Executivo da FPA
- POLÍTICA** CASB divulga nomes do conselho
- LANÇAMENTOS** Revolução e Contrarrevolução na Alemanha
- INTERNACIONAL** Janela Internacional: os 50 anos do golpe no Chile
- PERIFÉRIAS** Painel de Dados das periferias desenha desigualdades em gráficos e mapas
- POLÍTICA** Presidente Lula sanciona três leis para proteger a vida das brasileiras Agência PT de notícias
- PERIFÉRIAS** Reconexão reúne conselho, coletivos, ministérios e chega ao presidente Lula de reflexão

Leia mais

■ **acompanhe nossos canais e receba nossas publicações!**



[www.fpabramo.org.br](http://www.fpabramo.org.br)



[@fpabramo](https://twitter.com/fpabramo)



[Fundação Perseu Abramo](https://www.youtube.com/c/FundaçãoPerseuAbramo)



[@fpabramo](https://www.instagram.com/fpabramo)



# O RENASCIMENTO DE MARX

ORGANIZADO POR MARCELLO MUSTO

adquira seu exemplar em: [autonomialiteraria.com.br](http://autonomialiteraria.com.br)



focus  
BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: Pedro Camarão

Edição: Guto Alves

Diagramação: Nathalie Nascimento

Colaboradores: Bia Abramo, Fernanda Estima,  
Fernanda Otero, Guto Alves, Isaías Dalle



FUNDAÇÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores

## DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Paulo Okamoto

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e Naiara Raiol

Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva Santos, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar, Valter Pomar e Virgílio Guimarães

## CONSELHO CURADOR

Presidenta: Eleonora Menicucci

Conselheiros: Ana Carolina Moura Melo Dartora, Ana Maria de Carvalho Fontenele, Arthur Chioro, Azilton Ferreira Viana, Camila Vieira dos Santos, Celso Luiz Nunes Amorim, Dilson de Moura Peixoto Filho, Eliane Aquino Custódio, Elisa Guaraná de Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de Oliveira Andrade, Fernando Damata Pimentel, Fernando Dantas Ferro, Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada Lopes, José Roberto Paludo, José Zunga Alves de Lima, Laís Wendel Abramo, Luciano Cartaxo Pires de Sá, Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de Moura, Nabil Georges Bonduki, Nilma Lino Gomes, Paulo Gabriel Soledade Nacif, Sandra Maria Sales Fagundes, Sergio Nobre, Tereza Helena Gabrielli Barreto, Vladimir de Paula Brito.

## SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário), Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas (Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de Melo (Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer), Janaína Barbosa de Oliveira (LGBT), Anne Moura (Mulheres), Nádia Garcia (Juventude) Nilto Ignacio Tatto (Meio Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência), Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

## CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana  
São Paulo (SP) - CEP 04117-091

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338

## CONTRIBUA COM A REVISTA REVISTA RECONEXÃO PERIFERIAS

Convidamos ativistas, coletivos e movimentos para contribuírem com a Revista Reconexão Periferias de fevereiro.

O tema do mês será sobre as ruas, como espaços de disputa, defesa da democracia e também alegria, nas festas populares do carnaval. **Textos, artigos, fotos, ilustrações, poemas e toda forma de expressão que possa estar consolidada na Revista são bem vindos!**

Envie um e-mail para [estudosperiferias@gmail.com](mailto:estudosperiferias@gmail.com) para maiores informações.

SERÁ MUITO LEGAL TER A PARTICIPAÇÃO DE VOCÊS!



REVISTA  
RECONEXÃO  
PERIFERIAS



# SEM ANISTIA: UM ANO DO 8 DE JANEIRO

A edição traz, além da entrevista de capa com o Padre Julio Lancelotti, alvo de ataques da extrema-direita, a repercussão de atos pelo país relembrando os atentados à democracia que completaram um ano na última semana. Leia artigo sobre a data do presidente Lula publicado no Washigton Post

**ENTREVISTA** Vítima de ataques crescentes da extrema-direita, Pe. Julio Lancelotti

Página 07

**UM ANO 8/1** Atos pela democracia acontecem pelo país

Página 12

**ARTIGO DE LULA** Presidente publicou artigo no jornal Washington Post sobre o 8 de janeiro

Página 14

**INOVAÇÃO** Ministra Esther Dwek, de Gestão e Inovação dos Serviços Públicos, lança o ENEM dos Concursos

Página 16

**INDICADO** Ricardo Lewandowski é indicado por Lula para o Ministério da Justiça

Página 19

**BDNES** Banco anuncia que investiu maior aporte

desde 2014 em créditos à indústria

Página 21

**ENTREVISTA** Produtora à frente da 'Boogie Nipe' fala sobre o sucesso dos projetos recentes

Página 27

**ACABOU** Cai em Domínio Público a obra de Graciliano Ramos, que ganha novas edições

Página 31



# RICARDO LEWANDOWSKI NO MINISTÉRIO DA JUSTIÇA É A CONTINUIDADE DOS ÊXITOS DA GESTÃO FLÁVIO DINO

Alberto Cantalice

**A** indicação do ex-ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Ricardo Lewandowski para assumir a chefia do Ministério da Justiça e Segurança Pública é uma decisão acertada do presidente Lula. O então ministro Flávio Dino, recém indicado para ocupar a vaga da ministra Rosa Weber no STF, fez uma gestão de excelência à frente do ministério. Enfrentou as hordas golpistas do fatídico 08 de Janeiro e empreendeu um enfrentamento sistemático ao crime organizado.

A valorização do papel da segurança pública, resgatando a independência e a despolitização

da Polícia Federal e da Polícia Rodoviária Federal, o retorno do Pronasci e o início de uma parceria com os estados no enfrentamento à criminalidade organizada são legados irrepreensíveis da gestão Flávio Dino.

A nível do governo federal, ao longo do processo de redemocratização pós Constituição de 1988, as várias gestões interpretavam o artigo 144 da Carta como se a segurança pública fosse uma atribuição exclusiva dos estados. Não é.

O que diz o artigo 144: A segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, sob a égide dos va-

lores da cidadania e dos direitos humanos, através dos órgãos instituídos pela União e pelos Estados através dos seguintes órgãos: I - Polícia Federal; II - Polícia Rodoviária Federal; III - Polícia Ferroviária Federal; IV - Polícias Cíveis; V - Polícias Militares e Corpos de Bombeiros Militares; VI - Policiais Penais Federal, Estadual e Distrital.

Com relação às Guardas Municipais, há uma PEC sobre a regulamentação constitucional, que se encontra sob a relatoria da deputada federal Delegada Adriana Accorsi, do PT de Goiás, que trata da inclusão das guardas municipais no referido artigo 144, reforçando a presença dos entes municipais no esforço da segurança pública.



Uma leitura breve da Constituição Federal permite vislumbrar que urge a construção do Sistema Único da Segurança Pública aos moldes do SUS. É precisa e necessária a parceria federativa, principalmente no combate às organizações criminosas interestaduais, o tráfico de armas e de drogas.

A captura dos territórios por milícias e tráfico armado, que infelicitam a vida e obstaculizam a paz social nas comunidades Brasil afora é outro grande desafio.

O domínio do sistema prisional por facções, o encarceramento em massa de pequenos delinquentes, que deveriam cumprir medidas alternativas e que acabam sendo a mão de obra das facções é outra chaga. Prende-se muito e prende-se mal. Haja visto a quantidade de presos temporários à espera de julgamento.

O enfraquecimento da Polícia Civil na maioria dos estados dificulta a elucidação de crimes e passa para a sociedade um sentimento de impunidade deseducador. Um dos campeões em número de homicídios no mundo, o Brasil também lidera no quesito

insuficiência em elucidações de assassinatos. A proliferação de crimes graves, como homicídios, chacinas, feminicídios, estupros e pedofilia, também demanda uma enérgica atitude das forças de segurança.

Investir no fortalecimento da polícia judiciária, com a aquisição de equipamentos, o fortalecimento de um Banco Nacional de Evidências e a valorização da atividade policial é uma demanda que deve contar com a coordenação da União.

Quanto às polícias militares, é evidente o seu papel no policiamento ostensivo. Ao passo que se deve valorizar a importância do agente policial, deve ser estabelecida uma nova cultura na abordagem. Ser firme com a criminalidade e não agir com truculência, racismo e lgbtfobia com os cidadãos. A polícia, como instrumento essencial para a manutenção da ordem pública e a garantia do direito de ir e vir das pessoas, não pode agir como serva dos interesses das elites econômicas e dos algozes do povo pobre. Hoje uma triste realidade nas áreas populares.

Tema árido, complexo e de difícil resolutividade, a segurança pública não pode ser vista como tabu para os setores progressistas. É uma situação que envolve a todos, indiscriminadamente. Ganha relevo o fortalecimento da Senasp - Secretaria Nacional de Segurança Pública, que turbinada e ocupada por um especialista no tema, será de importância capital para o êxito da gestão que entra. Por tudo isso, é alvissareira a ida de Ricardo Lewandowski para a pasta da Justiça e Segurança Pública. Homem do direito, tem capacidade e representatividade para coordenar esse importante ministério no governo Lula. Caberá ao ministro Ricardo Lewandowski a necessária e urgente revisão dos Códigos Penal e Processual, em discussão no Congresso Nacional e da Lei das Execuções Penais, fortalecendo o garantismo e a punição necessária para quem comete crimes.

Ricardo Lewandowski, tal qual Flávio Dino, é a garantia do fortalecimento do Estado Democrático de Direito. Sem pirotecnia ou populismo. •

# "MORADORES DE RUA NÃO SÃO ANJOS NEM DEMÔNIOS, SÃO PESSOAS"

Rodeado de colaboradores e fieis, o coordenador da Pastoral do Povo de Rua declarou que jamais usaria as mesmas armas de seus algozes. "Não sou o primeiro padre a ser perseguido por um vereador. As fotos, as imagens, os ângulos, tudo é feito com um propósito. Eu conheço, entendo tudo. Compaixão e humanidade, não tem", afirma.

Fernanda Otero

**O**s termômetros já batiam a casa dos 30°C ainda nas primeiras horas da manhã de quinta-feira, 11, transformando o pequeno quintal da Paróquia de São Miguel Arcanjo, no bairro da Mooca, em São Paulo, em um verdadeiro forno. O pároco Júlio Lancellotti, depois de cumprir uma extensa rotina matinal: (celebrar a missa, participar da distribuição de pães no Centro Comunitário Santa Dulce dos Pobres da Paróquia, atender e aconselhar os moradores em si-

tuação de rua, ajudar na limpeza do espaço e interagir com todos chamando-os sempre pelo primeiro nome), recebeu a Revista Focus para comentar o mais recente ataque contra ele.

Ainda nos primeiros dias de janeiro, ganhou destaque no noticiário nacional a intenção de um vereador de extrema direita da Câmara Municipal de São Paulo de instalar uma CPI para "investigar Organizações Não Governamentais (ONGs) que fornecem alimentos, utensílios para uso de substâncias ilícitas e tratamento de usuário que frequentam a re-

gião da cracolândia", segundo o requerimento do parlamentar.

O texto da CPI não menciona o nome de nenhuma entidade específica. Porém, um vídeo do próprio vereador, que é filiado ao partido União Brasil, publicado em suas redes sociais no dia 7 de dezembro, no qual informa estar colhendo assinaturas para instalar uma CPI, trata o padre por "esse sujeito", além de atacar com ofensas outros parlamentares e ministros, levantando suspeitas a respeito de vídeos impróprios envolvendo o padre Júlio.

Em entrevista à Focus, padre Júlio, com respostas pausadas e didáticas, manifesta indignação com o comportamento da mídia. “Tudo que a gente fala na mão da imprensa vai ser dissecado”, enfatiza. “Tudo é estudado. Nada é feito sem uma intenção, até as fotos. A bondade é uma coisa que rareia. Tudo que puder ser feito para destruir, a imprensa é a primeira. Na imprensa não tem manual de redação, tem manual de retaliação”, desabafa.

Padre Júlio não faz parte da diretoria de nenhuma ONG, é coordenador da Pastoral do Vicariato Episcopal para a Pastoral do Povo da Rua, um braço da Arquidiocese de São Paulo, sediada na Paróquia de São Miguel Arcanjo. Fundada na década de 1990, sua atividade não envolve a administração de recursos financeiros.

Ele também não integra a diretoria ou o conselho do Centro Social Nossa Senhora do Bom Parto, conhecido como Bompar, entidade mencionada pelo vereador em entrevistas sobre o caso. A presidência do Conselho Deliberativo é ocupada por um membro da Igreja Católica.

O Bompar possui certidões que a reconhecem como de utilidade pública municipal, estadual e nacional. Atuando desde 1946, acolhe diariamente mais de 10.000 pessoas por dia, em 52 núcleos de atendimento.

Desenvolve, entre outras atividades, o projeto Consultório na Rua, uma parceria com a municipalidade para atendimentos na área de saúde, prática corriqueira nas atividades assistenciais de governos em todos os níveis: municipal, estadual e federal. A Bompar é uma das entidades para as quais o padre encaminha pessoas em situação de rua que necessitam desses, ou de outros serviços.

Na entrevista, ele fez questão de convidar para sentarem-se ao

seu lado, João, de 27 anos, e Antônio, de 39 (nomes fictícios). “Essas são pessoas importantes pra mim”, afirma ao colocar em prática o que prega em suas celebrações. No decorrer da conversa, ele se referiu diversas vezes aos dois homens para exemplificar seus argumentos.

João é um dos voluntários que ajudam na distribuição do café da manhã, limpeza, recepção e outras atividades de rotina da paróquia. Ele nos conta que quando chegou a São Paulo “ninguém falava ‘sim’, era sem-

**NÃO É A  
CONSCIÊNCIA  
QUE DETERMINA  
A REALIDADE,  
É A REALIDADE  
QUE DETERMINA  
A CONSCIÊNCIA.  
NISSO, SOU MUITO  
MARXISTA**

pre ‘não’. As portas estavam fechadas”. Sem dinheiro, acabou desabrigado e foi dormir na rua, quando decidiu procurar ajuda para voltar para o Estado do Rio de Janeiro.

O padre pediu que ele voltasse no dia seguinte para receber a passagem. Mas João retornou alguns dias depois, para comunicar ao sacerdote que havia conseguido trabalho. Hoje rece-

be um salário mínimo e complementa a renda com uma bolsa aluguel, por estar realizando um tratamento de saúde. “Este meu amigo, me ajuda muitíssimo” diz, abraçando João, que abre um largo sorriso.

O mineiro Antônio convive com padre Júlio desde 2016, e se lembra da data exata que o conheceu. Retornou à terra natal no ano passado, para viver com a família. Dependente químico, ele explica que teve dificuldade de integração devido ao vício.

“A pessoa que não usa (a droga), não vai aceitar. Ela não tenta compreender que talvez aquilo seja uma doença, eu vejo como uma doença”, lamenta. “Este aqui é meu amigo”, diz Antônio sorrindo e esfregando as mãos nervosamente, ao se referir ao padre, que lhe oferece um afago e pede que alguém traga um copo de água para Antônio.

Enquanto padre Júlio acolhe os “indesejáveis”, o vereador extremista autor do pedido de CPI, destinou só em 2021, R\$ 1,5 milhão para festas, incluindo uma na qual o tema era os anos 80. A igreja evangélica Mensagem de Paz também recebeu mais de R\$ 1 milhão de recursos públicos direcionados pelo parlamentar, segundo reportagem do site Intercept Brasil.

Até o fechamento desta edição, após a repercussão negativa do caso, ao menos 10 vereadores dos 23 que apoiaram o requerimento, haviam retirado sua assinatura.

**Focus: Como é seu dia a dia, quem te ajuda nesse trabalho?**

**Padre Júlio Lancellotti:** Meu dia a dia é o que você viu, começa com a missa às 7h, depois da missa, a partilha daquilo que a gente tem. Muita gente ajuda, as irmãs, pessoas leigas, muitas pessoas da comunidade, os que doam.



- **Quem o senhor defende? Quem são essas pessoas?**

- Não é quem defende, é quem convive. Convivo com os indefensáveis. Quem defende e quer conviver com as pessoas que ninguém quer, numa sociedade tão marcada pela desigualdade? Se você está do lado daqueles que são rejeitados, você vai ser rejeitado. Então, não é que eu não diria ser maldade das pessoas, é a lógica. Isso até nas amizades interpessoais, se você não se dá bem com ela (apontando outra jornalista), e eu me dou bem com ela e converso e acolho bem a ela, você vai achar o quê? Por que você é amigo dela? Você viu tudo o que ela me fez? Isso acontece, não é? Até no ambiente de trabalho, você conversa com determinada pessoa do ambiente de trabalho, do escritório, o outro que teve problema com ela, você diz, 'nossa, você sabe quem é aquela ali?' Você está todo de amizade com ela, mas sabe o que ela fez pra mim? Não é isso que acontece? Então, você conviver com os que são rejeitados, você vai ser rejeitada também. Você não muda ninguém. Ninguém muda ninguém. A mudança se dá se a pessoa quer mudar. Não é a consciência que determina a realidade, é a realidade que determina a consciência, e como diz o Leonardo Boff, todo ponto de vista é a vista a partir de um ponto. Então precisa saber a partir de que ponto você vê. Nisso eu sou muito marxista, a realidade é que determina a consciência.

- **Como é esta convivência?**

- Estou convivendo com pessoas. Eu sempre digo, os moradores de rua não são anjos nem demônios, são pessoas. Alguns deles são terraplanistas, alguns deles são machistas, são homofóbicos, são racistas. Eles também são atingidos pela grande

mídia, pelo pensamento dominante. Eles também pensam o que todo mundo pensa. Não é porque eles estão na rua, que eles são diferentes. Eles são diferentes do ponto de vista da desigualdade. Mas a ideologia dominante é a mesma. A mesma novela que você assiste, eles assistem. O mesmo jornal que você lê, eles leem. O mesmo apresentador que fala aquilo que o povo tem que pensar, eles ouvem também. Eles não têm uma rádio alternativa deles. Eles pensam o que todo mundo pensa. Se você

## A NOSSA LÓGICA É MUITO CARTESIANA. O JORNALISMO É MUITO CARTESIANO, ALÉM DE SER SENSACIONALISTA E ABUSIVO

não convive, você não conhece. Se você não convive, você não ama. Nenhum de nós é só uma coisa. Você não é só o que eu tô vendo. Eu não sou só o que você tá vendo.

- **Esta nomenclatura "Cracolândia" surgiu pela primeira vez em 1995. Naquela época, o senhor já atuava na região. Nos últimos anos, pelo menos quatro programas diferentes foram iniciados. Seria justo dizer que algum de-**

**les esteve próximo de algum sucesso?**

- A questão dos programas é que eles são programas de governo e não de Estado. Essa é a diferença. Parece uma coisa sutil, mas é uma nomenclatura específica. Uma coisa é programa de governo, outra questão é programa de Estado. O que a gente viu nessa região durante todo esse tempo foram programas de governo, não era o programa municipal para as pessoas em cena de uso, mas o programa da Marta, o programa do Haddad, o programa do Kassab, o programa do Serra. Programa de governo não resolve, porque o governo funciona por quatro anos, não daria nem tempo. Essa questão de sucesso, até um jornalista me perguntou: "Será que o que você faz não foi medido? Qual é a eficácia do que você faz? Será que se não tivesse eficácia, não convenceria?" Aí eu perguntei para ele: "a vacinação contra poliomielite, tem estudo que ela é eficaz? Por que as pessoas não tomam? Por que a vacinação da poliomielite caiu? Você quer mais evidência? Você quer mais evidência de que o tabaco faz mal à saúde? Isso já está cientificamente provado, comprovado, existem dados, gráficos, estudos, pesquisas, e as pessoas fumam". A nossa lógica é muito cartesiana, e o jornalismo é muito cartesiano também, além de ser sensacionalista e abusivo, é cartesiano também, porque não tem explicação lógica...

- **... a gente quer uma resposta, preto no branco...**

- ...Um tal programa, foi eficaz? Em quatro anos não dá tempo de saber. Usando um paralelo, na Igreja Católica, quando se diz que aconteceu um milagre, para que um candidato a santo seja canonizado, o milagre tem que ser total, irreversível e completo. Em quatro anos de programa tal,



resolveu o problema de 50. Mas tem duas mil pessoas lá. Então, programas sociais, para serem avaliados, eles têm que ser no longo tempo, eles têm que ser programas de Estado. Esse é o nosso problema. A chamada democracia representativa, ela elege a cada quatro anos um. Aí não dá tempo. E aí, quando a prefeita X entrou, ela desmancha tudo o que o anterior fez. Aí o outro que a sucede, desmancha tudo o que foi feito. Então, como você vai avaliar? Para a Prefeitura, ele (apontando João) é um número. É um número. Não leva em conta a pessoa. Ele é um número que vai para uma vaga. Não é uma pessoa que precisa de um lugar, é um número que precisa de uma vaga. Ninguém pergunta pra eles, o que eles sentem. Ninguém pergunta. Alguém pergunta isso pra você? (dirigindo-se a Antônio, que nega com um gesto balançando a cabeça). Ninguém pergunta. A gente pergunta pra eles: "nossa, parece que você está chateado hoje". Quando estamos aqui conversando, ele sorri, e ele tem esse sorriso bonito. Na vida deles, lhes é negado o afeto.

- Em uma entrevista o senhor passou a impressão de que sabia da existência do pedido de CPI desde dezembro...

- Desde dezembro, sim...

## ELES SÃO DIFERENTES DO PONTO DE VISTA DA DESIGUALDADE, MAS A IDEOLOGIA DOMINANTE É A MESMA. A NOVELA QUE VOCÊ ASSISTE, ELES ASSISTEM

- ...Mas não tinha se manifestado. O autor do requerimento disse em entrevista recente que o senhor "pulou à frente das armas". Qual a sua reação a esta

afirmação?

- Alguém te aponta uma arma, você vai fazer o quê? Vai reagir. Isso é jogo de palavras. Eu posso te afirmar uma coisa. Eu jamais ia apontar uma arma para ele. Jamais! Ele acha que eu pulei diante da arma. É interessante. Porque eu jamais vou apontar uma arma para quem quer que seja. E nunca vou usar a arma que eles me atingem. Quando o vereador fala: "Eu nunca citei o Padre Júlio", tem a gravação dele dizendo: "Ele será trazido algemado, coercitivamente". Isso não é abuso de autoridade? Digo para as pessoas que não entendem o que se passa aqui, qual a situação dessas pessoas, para que venham. Serão bem recebidos.

- O senhor sabe de alguma denúncia de algum Conseg (Conselho de Segurança) ou qualquer outra denúncia que justificasse a realização de uma investigação a seu respeito?

- Os Consegs de São Paulo, entre as cinco maiores queixas, a população de rua está entre todas. Porque São Paulo hoje é a vitrine da especulação imobiliária. Hoje, o grande ponto da cidade é a especulação imobiliária. E a pre-

sença da população de rua, que cresce muito e cresceu muito em São Paulo, passa a ser uma presença ameaçadora, incômoda. Então, é o que eles dizem: "Você os alimenta. Ao invés deles irem embora, eles vêm". O raciocínio seria "vamos matá-los de fome, porque assim eles desaparecem."

#### **- Como é que o senhor interpreta esse argumento?**

- É um argumento da lógica neoliberal. É que nós pensamos de maneira neoliberal. Então, a gente quer analisar a lógica neoliberal. Quando você examina a lógica neoliberal, você também assume essa lógica. Nós, a sociedade de um modo geral. A mídia é neoliberal, a sociedade é neoliberal, o pensamento dominante é neoliberal. Então, quando você entra nessa discussão, você entra dentro dessa mesma lógica. O Papa Francisco, em seu livro *Evangelii Gaudium*, diz que a lógica do neoliberalismo é o descarte. Essas pessoas estão descartadas. E fica descartado quem está com elas também. Agora, quando a gente começa a discutir, "ah, mas ele falou isso, ah, mas ele falou aquilo", a gente entra dentro da lógica dele (que tem a visão neoliberal). Eu não sei o que ele pensa. Ele pensa dentro de uma lógica. Eu não quero pensar dentro dessa lógica. Porque aí fica esse bate-boca. Dentro da casa do Big Brother, todos pensam a mesma lógica.

**- O filósofo Jason Stanley que fez parte do documentário "A Sociedade do Medo", do qual o senhor também participou, disse: "Os políticos fascistas sempre acusam os seus oponentes daquilo que eles são culpados", eu queria que o senhor comentasse essa frase.**

- É uma forma de pensar. É um pensamento. O próprio Papa

Francisco diz: "Cuidado com quem é rígido demais, alguma coisa está sendo escondida. Alguém começa a ser muito moralista com você, você logo percebe que deve ter alguma coisa ali. Eu não consigo dar conta de todas as lógicas, porque eu não quero fazer parte da lógica neoliberal, embora esteja dentro da cultura neoliberal. As pessoas me perguntam: "Quantos você já tirou da rua?" Eles querem fazer contabilidade. Eu não tiro ninguém. O Paulo Freire diz que ninguém educa ninguém. Você me educa e eu te educo. Não sou eu que tiro ele da rua. Ele é que sai, com as pernas dele. Eu não posso caminhar por ele.

**- Caso se confirme a instalação da CPI, que ainda depende do Colégio de Líderes, o que o senhor gostaria que ela investigasse?**

- Eu já sugeri várias vezes que se faça uma auditoria técnica e econômica, eu acho que essa é uma questão que tem que ser examinada. Por exemplo, hoje uma pessoa em situação de rua custa para a Prefeitura de R \$ 1.500 a R \$ 2.000. Alguns que estão em hotéis sociais chegam a custar R \$ 4.000 para a Prefeitura. Só que neles chega a salsicha. Onde é que fica o restante? Onde fica? Então, isso acho que é uma coisa que teria que se verificar. Ele (apontando Antônio) não está em nenhum equipamento da Prefeitura, mas ele custa esse valor. Para onde vai? Ele custa para a Prefeitura. Só que não chega nele. Então, não chega uma roupa, não chega um sabonete, não chega um creme dental, não chega uma escova dental. Então, esse recurso, que lá eles levavam na Prefeitura, milhões, vai para as entidades, que pagam o coordenador, o vice-coordenador, o técnico, o assessor, o

educador. Vai pagando, pagando, pagando, pagando, quando chega neles, não tem lençol na cama, não tem nem a cama. Então, que se verifique isso. Porque já está mais do que claro. Espaços com muita gente, não dão certo. As pessoas também querem seus próprios espaços, querem, e gostam de cozinhar. Também querem namorar. Se ele quiser namorar, como ele faz? A gente conseguiu, quando agora teve a mudança climática, que aumentou muito a temperatura, que a prefeitura fizesse a Operação Altas Temperaturas.

**- O senhor conversou sobre isso com o prefeito?**

- Sim, pedi, eu tenho aqui a conversa com ele, ele agradeceu e disse que imediatamente estava chamando e tal. Eu estive com ele por esses dias, falei para ele, o horário que termina é muito cedo. Está fechando às 16h, às 16 horas é quando está no auge, com o calor mais forte, é a hora que baixa o calorão mesmo. Entre às 16h e às 18h parece que fica pior.

**- O senhor tem alguém que te inspire?**

- Irmã Dulce é uma inspiração. Muito antes do padre Júlio, a Irmã Dulce também foi perseguida por um vereador. A sobrinha da irmã Dulce me mandou (o relato) sobre o que um vereador fez na ocasião contra ela. Mas, a inspiração maior é Jesus. Admiro São Tito Brasman, cuja imagem tenho aqui na Paróquia. Ele foi preso, torturado, muito maltratado. Ele morreu em um campo de concentração, era um jornalista e reitor que protegeu os alunos judeus nas escolas católicas, é o padroeiro dos jornalistas católicos. Seu lema era 'amar os que nos odeiam', e por isso, eles tinham mais raiva dele.



**UM ANO DOS ATAQUES** - A Cinelândia, na região central do Rio de Janeiro, reuniu na última segunda-feira (8) centrais sindicais, movimentos sociais e representantes de partidos políticos para um ato em defesa da democracia

# 8/1: ATOS EM DEFESA DA DEMOCRACIA MARCAM UM ANO DA TENTATIVA DE GOLPE

Manifestações organizadas pela CUT, movimentos sociais e partidos políticos, realizadas em diversas partes do país, exigiram punição exemplar a todos os golpistas envolvidos



Atos e manifestações, promovidas por entidades como a CUT, movimentos sociais e organizações políticas em diversas capitais e cidades do país, marcaram a segunda-feira (8) para lembrar o primeiro ano da tentativa de golpe promovida por apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro. Há um ano, os bolsonaristas invadiram e vandalizaram as sedes dos Três Poderes em Brasília, em cenas de violência e ódio que chocaram todo o país.

Nos atos, os participantes pediram a responsabilização e condenação dos envolvidos na articulação que culminou com os ataques ao Palácio do Planalto e às sedes do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal (STF). Até o momento, as investigações e julgamentos já levaram a condenações que chegam a 17 anos de prisão de alguns dos terroristas bolsonaristas que participaram diretamente do quebra-quebra, mas durante os atos foram feitas cobranças em relação aos financiadores e fiadores da tentativa de golpe de estado.

Em São Paulo, o ato foi realizado na Avenida Paulista, ponto tradicional de manifestações

democráticas, organizado pela Frente Povo Sem Medo, e contou com a participação de representantes de movimentos populares, entidades sindicais, partidos políticos e outras organizações.

Durante o evento na capital paulista, a militância destacou a necessidade de que não haja anistia para quem participou da tentativa de golpe contra a democracia, sejam empresários e militares que financiaram ou participaram ativamente nas articulações do movimento golpista. "Sem Anistia!" foi o mote principal em São Paulo e em todas as atividades realizadas Brasil afora nesta segunda-feira.

LEIA MAIS: Lula: "Brasileiros e brasileiras disseram um eloquente não ao fascismo"

Em Brasília, as primeiras manifestações ocorreram já no domingo (7), com a participação de partidos de esquerda e organizações sociais, como a Central Única dos Trabalhadores do Distrito Federal. Os organizadores aproveitaram o fechamento aos domingos do trânsito de veículos da rodovia DF-002 (Eixão) quando é liberada para pedestres e ciclistas, para promover o

chamado Ato em Defesa da Democracia.

Na Bahia, em Salvador, o Ato em Defesa da Democracia foi realizado na Assembléia Legislativa do estado, e contou com a presença do governador Jerônimo Rodrigues (PT), e do vice-governador, Geraldo Júnior.

Em Recife, os pernambucanos escolheram o Monumento Tortura Nunca Mais, localizado no bairro da Boa Vista, na capital, como epicentro das atividades do que chamaram de Ato Simbólico em Defesa da Democracia.

Em Goiás, a CUT estadual promoveu uma manifestação que percorreu parte do Centro da capital Goiânia no fim da manhã desta segunda-feira.

Na capital sergipana, Aracaju, também foi realizado ato em defesa da democracia no fim da manhã, assim como em João Pessoa, na Paraíba, com a participação ativa da CUT.

E no centro de Maceió, em Alagoas, também foi realizada um reunião da militância para celebrar a resistência contra a tentativa de golpe ocorrida em 8 de janeiro de 2023.

Com CUT e Brasil de Fato



# O BRASIL FRUSTROU UMA TENTATIVA DE GOLPE: O QUE APRENDEMOS, POR LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

“Melhorar a vida das pessoas é a melhor resposta contra os extremistas que atacaram a democracia”, escreve Lula, no Washington Post

**H**oje, dia 8 de janeiro, marca um ano que a resiliência da democracia brasileira foi severamente testada. Uma semana depois da posse de um novo governo, grupos extremistas in-

vadiram as sedes dos três Poderes da República. Impulsionados por mentiras e desinformação, quebraram janelas, destruíram objetos históricos e obras de arte, enquanto transmitiam seus atos pela internet.

Exibiam desprezo pela demo-

cracia similar ao dos invasores do Capitólio nos Estados Unidos, em 6 de janeiro de 2021.

Felizmente, a tentativa de golpe fracassou. A sociedade brasileira rechaçou as invasões e, durante o último ano, o Congresso Nacional, o Supremo Tribunal

Federal e o Poder Executivo dedicaram esforços para esclarecer os fatos e responsabilizar os invasores.

Essa tentativa de golpe foi a culminação de um longo processo promovido por líderes políticos extremistas para gerar descrédito na democracia para benefício próprio. O sistema eleitoral brasileiro, reconhecido internacionalmente pela sua integridade, foi posto em dúvida por quem se elegeu por esse mesmo sistema. No Brasil, reclamavam da urna eletrônica como nos Estados Unidos reclamavam do voto pelo correio, sem nenhuma evidência. O objetivo dessas ilações falsas era desqualificar a democracia, para sua perpetuação no poder de forma autocrática.

Mas a democracia brasileira prevaleceu e saiu mais forte.

Neste meu retorno à Presidência depois de 12 anos, a união do país e a reconstrução de políticas públicas bem-sucedidas têm sido os objetivos do meu governo.

Melhorar a vida das pessoas é a melhor resposta contra os extremistas que atacam a democracia.

O desmatamento da Amazônia, que crescia no governo anterior, retrocedeu mais de 50% em 2023. Retomamos políticas de combate à pobreza como o Bolsa Família, que garante renda para as mães que mantém seus filhos na escola e vacinados. Nossa economia cresceu 3 vezes mais em 2023 do que o previsto pelo FMI e se tornou o segundo maior destino de Investimento Externo Direto no mundo, segundo dados da OCDE.

O Brasil, com seus compromissos democráticos, voltou ao cenário internacional sem a negação das mudanças climáticas e o desprezo pela ciência do governo anterior, que custou a vida

de centenas de milhares de brasileiros na pandemia Covid-19.

O mundo vive hoje um momento contraditório. Os desafios globais exigem compromisso e cooperação entre as nações. Nunca estivemos tão integrados e conectados. Ao mesmo tempo, temos cada vez mais dificuldades de dialogar, de respeitar as diferenças e conduzir ações conjuntas.

As sociedades estão tomadas pelo individualismo e as nações se distanciam umas das outras dificultando a promoção da paz e o enfrentamento de problemas complexos: crise climática; insegurança alimentar e energética; tensões geopolíticas e guerras; crescimento do discurso de ódio e xenofobia.

Estes são problemas alimentados pela desigualdade em escala global - entre as nações e dentro de cada uma delas.

Nas últimas décadas, um modelo de desenvolvimento econômico excludente tem concentrado renda, fomentado frustrações, reduzido direitos dos trabalhadores e alimentado a desconfiança em relação às instituições públicas.

A desigualdade serve como terreno fértil para a proliferação do extremismo e a intensificação da polarização política. Quando a democracia falha em proporcionar bem-estar às pessoas, extremistas promovem a negação da política e a descrença nas instituições.

A erosão da democracia é exacerbada pelo fato de as principais fontes de informação e interação das pessoas serem hoje mediadas por aplicativos digitais que foram desenvolvidas para obter lucro, não convivência democrática. O modelo de negócio das Big Tech, que prioriza o engajamento e a captura de atenção, promove conteúdo inflamatório e fortalece discursos

extremistas, favorecendo forças antidemocráticas que atuam em redes internacionalmente coordenadas.

É ainda mais preocupante que novas aplicações de inteligência artificial, além de agravar o cenário de desinformação, possam promover discriminação, gerar desemprego e afetar direitos.

Essas questões tecnológicas, sociais e políticas estão integradas. Fortalecer a democracia depende da capacidade dos Estados de enfrentar desigualdades estruturais e promover o bem-estar da população, mas também de avançar no enfrentamento aos fatores que alimentam o extremismo violento.

Outros 6 ou 8 de janeiro só serão evitados se transformando a realidade de desigualdade e de precarização do trabalho. Essa preocupação motivou a parceria de promoção do trabalho decente que lancei com o Presidente Biden em setembro último, com apoio da Organização Internacional do Trabalho.

Também precisamos de ações globais pela promoção da integridade da informação e pelo desenvolvimento e uso inclusivo e humanista da inteligência artificial. Há, neste momento, esforços promovidos pela Organização das Nações Unidas, UNESCO e outros organismos internacionais para enfrentar esses problemas.

O Brasil assumiu a presidência do G20 em dezembro passado, e colocamos a luta contra as desigualdades em todas as suas dimensões no centro da nossa agenda sob o lema "Construindo um Mundo Justo e um Planeta Sustentável". Espero que os líderes políticos possam se reunir no Brasil ao longo deste ano, buscando soluções coletivas para esses desafios que afetam toda a humanidade.

Artigo publicado no Washington Post



# ENEM DOS CONCURSOS QUER DEMOCRATIZAR ACESSO AOS CARGOS PÚBLICOS FEDERAIS

Outro objetivo é iniciar recomposição de quadros na máquina pública, desmontada nos últimos seis anos

Isaías Dalle

**S**ob coordenação de Esther Dweck, ministra de Gestão e da Inovação em Serviços Públicos, o governo Lula abriu oficialmente, na última semana, o Concurso Nacional Unificado (CNU), que vai oferecer 6.640 vagas em 21 órgãos públicos para candidatos a servidores federais. Batizado informalmente de Enem dos concursos, o formato inédito é inspirado no processo seletivo de alunos para o ensino superior público.

Os locais das provas serão descentralizados, com 220 cidades e mais de 77 mil salas

preparadas para receber os candidatos. Além de minimizar as dificuldades de locomoção e os custos de viagem que marcavam os concursos anteriores, cujas provas eram aplicadas quase sempre apenas em Brasília, o Enem dos concursos vai permitir que as pessoas se candidatem a mais de um cargo, com uma única inscrição.

Além de admitir que o novo formato de concurso foi inspirado no Enem, a ministra se diz contente com a designação popular. "A gente está muito feliz, a gente gosta muito desse nome Enem dos concursos", disse Esther, durante entrevista coletiva em 10 de janeiro, mesmo dia em que o edital do CNU foi divulga-

do oficialmente.

Somados à reserva de 30% das vagas para pessoas negras e 5% para pessoas com deficiência, a descentralização das provas e a possibilidade de concorrer a mais de um cargo são elementos, segundo a ministra, para dar início à democratização do serviço público federal. "Este será um concurso com a cara do povo brasileiro", afirmou.

As inscrições para disputar as 6.640 vagas acontecem entre os dias 19 de janeiro e 9 de fevereiro. As provas acontecem no dia 5 de maio. As taxas de inscrição são de R\$ 60 para quem vai disputar cargos de nível médio (sem necessidade de diploma universitário) e de R\$ 90 para



cargos de nível superior. Os salários oferecidos vão de R\$ 4.008 a R\$ 22.921.

Um dos resultados já percebidos no novo formato foi a redução dos valores de inscrição. Para efeito de comparação, o concurso aberto recentemente pelo Ipea (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas) tem taxa de R\$ 180, válida para disputar apenas um dos cargos oferecidos.

Esther Dweck explica que a participação de 21 órgãos federais no Enem dos concursos se deu por adesão voluntária, sem imposição do governo. Todo o certame, desde a formatação das provas e das regras, até a organização dos locais e horários, foi produzido por um conjunto de órgãos do governo federal – além do Ministério da Gestão, o da Justiça, a Advocacia-Geral da União, o Tribunal de Contas da União, o Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) e o próprio Ipea, embora tenha decidido fazer concurso próprio. A segurança e lisura das provas serão garantidas em parceria com polícias estaduais, Polícia Federal e Abin (Agência Brasileira de Inteligência).

“Fiquem atentos”, recomendou a ministra, ao dizer que os candidatos devem guiar-se apenas pelo edital, e não seguir recomendações e instruções de cursos e consultorias privadas que não estejam de acordo com as normas do concurso. Segundo ela, os órgãos de segurança envolvidos estão monitorando as redes para coibir propagandas enganosas e intermediação de inscrições.

Outra forma de democratizar o acesso à disputa do concurso é a oferta de cartilhas e cursos gratuitos, preparados por órgãos federais. Um desses materiais, ofertado pela Enap (Escola Na-

cional de Administração Pública), pode ser acessado aqui. Lives e vídeos de orientação serão disponibilizados pelo governo nos próximos dias. O Ministério da Gestão, no entanto, não apresentou ressalvas aos candidatos que queiram fazer cursos privados de preparação.

A “múltipla escolha” de vagas pelas pessoas candidatas, outra ferramenta de democratização do concurso, se dará pela possibilidade de optar não por um cargo específico, e sim por um dos oito blocos temáticos, divididos em áreas de interesse e atuação.

Cada bloco – Nível Intermediário; Gestão Governamental e Administração Pública; Setores Públicos e Regulação; Educação, Saúde, Desenvolvimento Social e Direitos Humanos; Trabalho e Saúde do Servidor; Ambiental, Agrário e Biológicas; Tecnologia, Dados e Informação; Infraestrutura, Exatas e Engenharia – oferece cargos em mais de um órgão e que podem ser ocupados por mais de um tipo de formação acadêmica e experiência profissional.

Segundo a ministra, este será o primeiro dos concursos que o atual governo pretende organizar. “A gente não vai ficar só neste. Talvez bianualmente, se não anualmente, façamos outros concursos unificados”, sinalizou, sem, no entanto, apresentar números precisos de vagas.

A necessidade de novos servidores concursados é bem maior que os 6.640 que serão escolhidos a partir das provas de maio, o que a própria ministra reconhece. Estimativas da Condsef-CUT (Confederação dos Trabalhadores no Serviço Público Federal) apontam que apenas nos seis anos após o golpe contra a presidenta Dilma Rousseff, aproximadamente 150 mil vagas foram extintas na máquina federal.

O próprio presidente Lula destacou essa demanda reprimida, durante o discurso que fez na Conferência Eleitoral do PT, realizada em dezembro. “Quero agradecer as pessoas que estão se dedicando ao trabalho no governo. Sabemos que em alguns ministérios há metade do efetivo que nós deixamos em 2014”, disse.

Além de tentar suprir essa necessidade com a realização de mais de um concurso nacional unificado, o governo tem procurado também racionalizar e compartilhar certas carreiras de Estado entre os ministérios, como explica a ministra. Sua gestão criou a Secretaria Nacional de Serviços Compartilhados, cuja principal missão é nacionalizar as estruturas já existentes em áreas como Compras, Tecnologia da informação e Transportes, colocando-as a serviço de 13 ministérios, com previsão de chegar a 20, até o final de 2024.

Na mesma lógica de racionalização de custos e aumento de eficácia, a estrutura logística das provas do próximo dia 5 de maio vai permitir que 95% dos candidatos estejam a, no máximo, 100 km de distância de um dos 5.141 locais de aplicação do concurso, distribuídos em 220 cidades. Cerca de 350 mil pessoas vão trabalhar nos serviços de suporte no dia de aplicação das provas.

Por todas essas características, a previsão é de que o Concurso Nacional Unificado receba um grande número de inscrições e seja um dos mais disputados da história do Brasil. Somente durante a coletiva de imprensa concedida por Esther Dweck, mais de 23 mil pessoas acompanharam simultaneamente a transmissão pelo canal do ministério no Youtube. Ao todo, foram 144 mil visualizações ao longo dos dois dias seguintes. Algo como 21,5 pessoas por vaga. E contando. •

# REGULAÇÃO DAS PLATAFORMAS: AGORA VAI?

Lula e Moraes defendem a necessidade de leis que punam fake news e extremismos nas redes sociais e reacendem o debate no Legislativo

**N**o último dia 8 de janeiro, ao defenderem a necessidade e a urgência da regulação das plataformas digitais para moderação dos conteúdos e combate a fake news, discursos de ódio e violência política, tanto o presidente Lula quanto o presidente do Tribunal Superior Eleitoral e ministro do Supremo, Alexandre de Moraes, recolocaram na pauta o debate sobre uma nova legislação.

Os olhos e ouvidos - ao menos daqueles que não estiverem absorvidos no X, TikTok ou outros canais semelhantes - voltaram-se ao Congresso Nacional,

onde dormita o projeto de lei 2630, popularmente conhecido como PL das Fake News, embora a proposta tenha mais abrangência que isso.

Apresentado originalmente em 2017, o PL voltou a ser bombardeado pelos parlamentares da oposição bolsonarista e cercanias, logo após os discursos de Lula e Moraes. Entre os ataques, o argumento mais utilizado é antigo: o PL seria um instrumento de censura.

"Liberdade não é o direito de pregar a instalação de um regime autoritário e o assassinato de adversários. As mentiras, a desinformação e os discursos de ódio foram o combustível para o 8 de

janeiro. Nossa democracia estará sob constante ameaça, enquanto não formos firmes na regulação das redes sociais", defendeu Lula.

Já o presidente do TSE afirmou que há necessidade urgente de "neutralizar um dos grandes perigos modernos à democracia: a instrumentalização das redes sociais pelo novo populismo digital extremista".

Segundo a imprensa, o presidente da Câmara, Arthur Lira (PL-AL), estaria disposto a retomar o debate, mas acredita ser necessário acrescentar ajustes para evitar a derrota completa do projeto. O relator do PL, deputado Orlando Silva (PCdoB-SP), afirmou crer que o momento é propício para recolocar a proposta em discussão na Câmara.

O PL, de autoria do deputado Alessandro Vieira (MDB-SE), já foi aprovado pelo Senado em 2020. Foi pautado para o plenário da Câmara em maio do ano passado, porém, diante de pressões das empresas proprietárias de plataformas, o relator Orlando Silva decidiu retirá-lo da agenda, sob risco de derrota. Naquela ocasião, empresas como Google e Meta chegaram a publicar anúncios em que acusavam o projeto de censura e risco à sobrevivência da própria liberdade na internet.

Em debate em junho do ano passado na Universidade de Brasília, realizado com apoio da Fundação Perseu Abramo, o deputado afirmou sentir falta de mobilização por parte dos movimentos sociais e do próprio governo federal em defesa do PL.

Com a proximidade das eleições municipais 2024, quando a repetição do jogo sujo das redes sociais ocorrido em 2018 e 2022 tem tudo para acontecer, é provável que a regulação das redes sociais migre do mundo virtual para a realidade.



# LULA INDICA RICARDO LEWANDOWSKI PARA O MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

Desde quinta-feira, dia 11/01, o Brasil tem um novo ministro da Justiça e da Segurança Pública. Depois que Flávio Dino foi confirmado como novo ministro do Superior Tribunal Federal (STF), ainda em dezembro, havia muita expectativa sobre o nome que assumiria o cargo.



**DO STF AO MINISTÉRIO** - O anúncio foi feito pelo presidente Lula nesta quinta-feira (11) após reunião com Dino e Lewandowski, no Palácio do Planalto. O carioca Enrique Ricardo Lewandowski é professor, jurista e advogado

**N**a cerimônia em que oficializou o anúncio do ex-ministro do STF para o Ministério da Justiça, Lula afirmou: "Ganha o Ministério da Justiça, ganha a Suprema Corte e ganha o povo brasileiro com essa dupla que está aqui do meu lado, cada um na sua função. (...) Quero dizer ao povo brasileiro que ele vai ganhar com essas duas escalções", disse Lula ao lado de Lewandowski e Dino, presente à cerimônia.

A transmissão de cargo de Dino para Lewandowski ocorrerá em 1º de fevereiro. "Até lá, o companheiro Flávio Dino, o novo ministro da Suprema Corte, que só vai tomar posse dia 22 de fevereiro, ficará cumprindo a função da forma magistral com a qual cumpriu até agora", informou Lula, acrescentando que Lewandowski terá total liberdade para montar sua equipe.

Após a indicação do presidente, o nome é sabatinado na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) e precisa ser aprovado

pelo colegiado e pelo plenário da Casa.

Para Lula, as duas indicações, uma na Suprema Corte e a outra na pasta da Justiça, coroam seu primeiro ano de mandato. "Hoje é um dia muito feliz para mim. Feliz porque eu estou diante de um companheiro [Flávio Dino] que está prestando serviço extraordinário ao país, à Justiça brasileira, e que, acertadamente o Congresso homologou para que seja a partir de 22 de fevereiro o novo ministro do STF", disse Lula.

Lula contou que conheceu Lewandowski com 28 anos de idade, quando o ex-ministro trabalhava na prefeitura de São Bernardo do Campo. "E tive a honra de ser o presidente da República que indicou o nome dele para o Senado [para ser ministro do STF], ele foi aprovado de forma extraordinária, com muitos elogios por muita gente do Senado de direita, de esquerda, de centro. O mesmo aconteceu com o Flávio Dino", lembrou.

Nascido no Rio de Janeiro, Lewandowski é formado pela

Universidade de São Paulo (USP), mesma instituição pela qual se tornou mestre e doutor e na qual leciona desde 1978. Indicado à Suprema Corte em 2006 pelo próprio Lula, sua passagem ficou marcada pelo chamado garantismo, corrente que tende a dar maior peso aos direitos e garantias dos réus em processos. Presidiu o STF e o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) entre 2014 e 2016, quando conduziu o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff.

Ele foi também presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) entre 2010 e 2012. No cargo, esteve à frente da aplicação da Lei da Ficha Limpa, que havia sido aprovada em 2010.

Lewandowski deixou o cargo de ministro do STF em 11 de abril de 2023, após ter antecipado em um mês sua aposentadoria. Após a saída do Supremo, voltou a advogar e focar na carreira acadêmica. Ele completou 75 anos em 11 de maio do ano passado, data em que seria aposentado compulsoriamente.

# BNDES DOBROU CRÉDITOS À INDÚSTRIA EM 2023: R\$26 BI

Com R\$ 26 bi, BNDES dobra créditos à indústria em 2023, maior aporte desde 2014 Banco volta à agenda da indústria após sofrer abandono e perseguições com Temer e Bolsonaro

## Agência PT

**E**m sintonia com a promessa do presidente Lula de resgatar o papel dos bancos públicos como indutores do fortalecimento da economia, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) voltou à agenda da indústria em 2023, com a liberação de R\$26 bilhões em operações de crédito para o setor. O montante equivale ao dobro do liberado em 2022 e é o maior desde o pico de 2014 (governo Dilma Rousseff).

“Os números mostram a volta do BNDES à agenda industrial. O banco é um ator chave da política de neointustrialização, que é prioridade no governo”, disse José Luis Gordon, diretor de desenvolvimento produtivo, inovação e comércio exterior do banco, ao jornal Valor Econômico, que destacou o assunto.

As operações incluem projetos de expansão produtiva, de economia verde, de exportação e inovação. A retomada do BNDES em 2023 foi comemorada pela indústria, que enfrentou abandono

e perseguições durante os governos Michel Temer e Jair Bolsonaro.

“É uma inflexão em relação ao ciclo de 2015 a 2022. O processo de recuperação precisa prosseguir, com a captação de recursos adicionais e apoio mais sólido a setores estratégicos”, disse Rafael Lucchesi, diretor de Desenvolvimento Industrial e Economia da Confederação Nacional da Indústria (CNI) e presidente do Conselho de Administração do BNDES, ao jornal.

Outro entrevistado foi Antônio Carlos Teixeira, diretor do departamento de competitividade e tecnologia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) e professor da Escola de Administração de Empresas de São Paulo (FGV-EAESP).

“O banco teve um período muito ruim, em que reduziu dramaticamente os recursos. Isso impactou o investimento da indústria. Em 2023 houve uma recuperação, não se chegou aos níveis de 2014, mas o volume foi significativo. É um estímulo para as empresas se modernizarem”, afirmou Teixeira.

Dentre os R\$ 26 bilhões liberados pelo BNDES para a indústria em 2023, as operações destina-

das à inovação chegaram a R\$ 3,9 bilhões, um salto em relação a 2022, quando o valor foi de R\$ 1,5 bilhão.

O setor mais contemplado na área de inovação foi transportes, com três operações diretas no valor de R\$ 1,5 bilhão. Na sequência vêm os segmentos de telecomunicações, saúde e agrícola.

Questionado sobre mecanismos adotados para garantir a inovação dos projetos financiados, Gordon, diretor do BNDES, reconhece que a área sempre traz risco. “Em inovação, pode dar certo, pode dar errado, faz parte do processo de construção. Mas temos várias empresas, como WEG, Intelbras, Embraer, que são inovadoras graças ao apoio do BNDES. Há falhas, mas há casos positivos”, disse ao Valor.

Antônio Teixeira, diretor da Fiesp, destaca que a inovação, para ser válida, não necessariamente precisa se dar na fronteira. “A inovação é algo novo que traz algo positivo, para o mundo, para o setor ou para a empresa. É o conceito da OCDE [Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico]”, afirmou, na entrevista.



# REMÉDIO VIRA VENENO NO EQUADOR

Sete semanas após a sua posse, Noboa enfrenta a eclosão de uma onda de violência que percorre a nação inteira e desvenda um cenário que era altamente previsível

Marco Piva

No início de dezembro do ano passado, quatro crianças, entre elas um bebê de cinco meses, foram mortas por engano na periferia de Guayaquil, a cidade mais importante do Equador. Um crime bárbaro que comoveu o país. Os autores invadiram uma casa a mando de um líder do tráfico local, com a ordem de matar um adversário e quem ali estivesse. Procuravam inimigos, mas encontraram crianças que foram mortas ao tentarem se esconder.

Este caso aconteceu poucas semanas após a posse do novo presidente Daniel Noboa, que assumiu em 23 de novembro prometendo colocar em prática o Plano Fênix, um dos principais motes da sua

campanha e que contribuiu muito para a sua vitória. Em uma disputa marcada pela violência política, cujo ápice foi o assassinato à luz do dia do candidato populista Fernando Villavicencio, Noboa galvanizou o sentimento popular que exigia “mão dura” contra o crime.

A vitória apertada sobre a candidata Luisa González, representante do ex-presidente Rafael Vicente Correa Delgado, atualmente exilado na Bélgica, mostrou um país dividido como tantos outros da América Latina.

Sete semanas após a sua posse, Noboa enfrenta a eclosão de uma onda de violência que percorre a nação inteira e desvenda um cenário que era altamente previsível. De um dos países mais seguros do continente, atrás de Costa Rica, Cuba e Uruguai, o que o mantinha como destino importante do turismo de aventura, o Equador é hoje

um território proibido, onde seus habitantes temem sair às ruas para as coisas mais triviais do cotidiano.

Não é preciso ir longe para saber quais são as causas do atual cenário de terror.

De 2007 a 2017, o país viveu sob a presidência de Rafael Correa, que implementou uma política voltada para a diminuição da pobreza, com programas sociais em vários setores. O “buen vivir”, modo de vida dos povos originários dos Andes em sua relação com a natureza, ganhou destaque no enfrentamento de um sistema predatório da soberania nacional, que teve na dolarização da economia o seu ponto alto.

O Equador, a exemplo de vários países latino-americanos, é dependente da exportação de produtos primários, especialmente da banana, que abastece boa parte do mercado mundial. O

petróleo, outra fonte de riqueza natural, garante a outra parte dos ingressos. Ao buscar fortalecer as políticas sociais para minimizar o drama da desigualdade, Correa mexeu no vespeiro de uma elite que nunca foi incomodada por trocas de mando presidencial, a não ser por episódios de insurreições populares ou militares mal sucedidas.

Com as forças de segurança e o judiciário novamente sob controle dos conservadores, o destino de Correa se expressa hoje em um exílio europeu, embora a resistência de seus seguidores se mantenha forte, inclusive na Assembleia Nacional, de formato unicameral, onde possui maioria entre os 137 deputados.

Fatores internos interromperam a sequência de governos do movimento Revolução Cidadã. Um deles foi a traição de Lenín Moreno, eleito sob as bênçãos de Correa, mas que logo após a posse, mudou de lado abandonou os programas de inclusão social e iniciou com a Fiscalía (o MPF local) uma perseguição implacável contra o ex-presidente e seus seguidores.

Lenín Moreno pagou um alto preço pela sua traição e terminou o mandato rejeitado pela população. Este vazio deu lugar à eleição do banqueiro Guillermo Lasso, que retomou com força a bandeira da privatização total do Estado, o que agravou a miséria e deu a largada para o aumento da violência urbana. Se no último ano de gestão de Rafael Correa o Equador apresentava uma taxa de 5,5 homicídios por 100.000 habitantes, esta cifra começou a crescer até atingir os atuais 43 homicídios por 100.000 habitantes.

Um fator externo importante agravou o quadro de insegurança pública. Colômbia e Peru, países que concentram a produção da maior parte da cocaína consumida no mundo, iniciaram fortes ações

de combate ao narcotráfico, bloqueando as rotas de exportação. Este movimento governamental, saudável do ponto de vista local, deslocou o transporte da droga para o Equador, já vulnerabilizado pelas gangues que se alastravam pelas periferias diante da miséria crescente. As duas maiores cidades do país - Guayaquil (em português) e a capital, Quito - passaram a ver um crescimento exponencial da violência urbana, com a criação de gangues que disputam o controle do escoamento da cocaína.

Os cartéis mexicanos, senhores absolutos do tráfico internacional, praticamente terceirizaram essas organizações criminosas equatorianas. Como a moeda corrente do país é o dólar, a lavagem de dinheiro fica simplificada e o poder de corromper os agentes públicos cresce. Assim, parte do comando das forças de segurança e setores do Judiciário foram cooptados pelo tráfico, permitindo que a cocaína circulasse pelo país de maneira relativamente fácil. O esquema é simples. O transporte é feito pelos portos juntamente com a banana, a famosa "coke banana".

Após a eclosão da crise de violência urbana, iniciada com a fuga espantosamente fácil de um dos maiores líderes da facção criminosa do país, o presidente Daniel Noboa colocou as tropas das Forças Armadas nas ruas, em uma espécie de "GLO" aprovada pelo Assembleia Nacional, e iniciou uma verdadeira caça aos "cabe-cillas" (líderes) de pelo menos 19 facções, oferecendo polpudas recompensas.

Uma medida aprovada ainda na gestão de Lenín Moreno permite ao governo pedir apoio de forças internacionais em caso de grave ameaça à estabilidade nacional. Não é preciso pensar em segundo para saber de quem viria essa ajuda. Washington se anima em executar um plano militar aproveitando a presença de suas

bases ainda instaladas em território colombiano.

A medida de exceção assinada por Noboa obteve o apoio do ex-presidente Rafael Correa e da maior parte das forças políticas equatorianas. O momento é de união nacional, mas a pergunta é: qual será a capacidade real das forças de segurança darem um combate efetivo às facções criminosas que se espalharam pelo país? E o que pode ser feito para enfrentar a crise econômica que assola a população? São perguntas difíceis de responder porque não bastará eliminar alguns dos principais líderes do crime organizado. O Equador vive a agonia da miséria, do desemprego, da precarização dos serviços básicos de saúde e educação e, principalmente, da falta de perspectiva diante de um Estado contaminado por anos recentes de desmonte das políticas públicas.

Também se trata de um Estado contaminado internamente na medida que vários agentes públicos, em todas as instâncias, estão envolvidos com atividades ilegais. Portanto, a pergunta mais importante é: o que será do futuro do Equador?

O atual presidente foi eleito para um mandato-tampão. Ficará no governo por 17 meses, para cumprir o restante do tempo que cabia ao ex-presidente Guillermo Lasso, que renunciou diante da crise econômica e dos embates com a Assembleia Nacional. Em 2025, os equatorianos deverão dizer qual é o rumo que querem seguir. Hoje, uma pergunta sem resposta.

Marco Piva é jornalista, editor e apresentador do programa Brasil Latino, na Rádio USP, e pesquisador do Centro de Estudos Latino-americanos de Cultura e Comunicação da Universidade de São Paulo (Celacc-USP). Atualmente, é coordenador da Comunicação Social da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh), estatal vinculada ao Ministério da Educação.



# O EQUADOR E O FRACASSO DA “GUERRA ÀS DROGAS”

Marcelo Zero

**O** que acontece agora no Equador é mais uma demonstração do re-tumbante fracasso da “guerra às drogas”.

Lançada, em 1971, por Richard Nixon, a “guerra às drogas” já teria consumido mais de US\$ 1 trilhão, somente do orçamento federal estadunidense, ao longo de 52 anos.

Resultados? Nulos ou praticamente nulos.

Não houve redução do consumo de drogas ilegais. Ao contrário, esse mercado continua bastante aquecido.

Também não houve redução das mortes por overdose. Na realidade, o uso de opioides sintéticos tem aumentado essas mortes, especialmente nos EUA.

Contudo, o problema maior não está na inutilidade dessa “guerra”. Está nos seus efeitos nocivos e contraproducentes.

A falta de uma política racional de controle da produção e consumo de drogas e a imposição de uma atitude de “intolerância zero” e simplista em relação a um fenômeno complexo alimentam financeiramente as gangues do narcotráfico e a violência a elas associadas.

Tal como aconteceu com a Lei

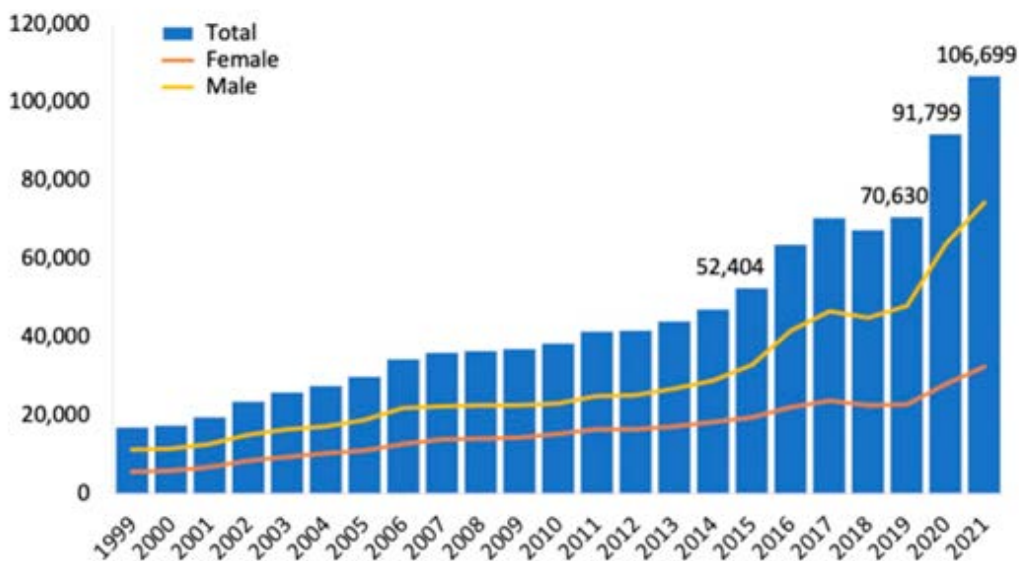
Seca nos EUA, que “encheu as burras” de gente como Al Capone, aumentou exponencialmente a criminalidade e corrompeu estruturas do Estado, a “guerra às drogas” produz também muitos efeitos semelhantes.

Em primeiro lugar, contribui para injetar dinheiro, muito dinheiro, em atividades ilegais. Como a demanda permanece muito alta, especialmente nos EUA, maior mercado mundial, e na Europa, o tráfico de drogas é extremamente lucrativo, gerando, de acordo com algumas fontes, mais de US\$ 700 bilhões por ano.

Esse número, embora impressionante, é bem menos da metade



**Figure 1. National Drug-Involved Overdose Deaths\*, Number Among All Ages, by Gender, 1999-2021**



\*Includes deaths with underlying causes of unintentional drug poisoning (X40–X44), suicide drug poisoning (X60–X64), homicide drug poisoning (X85), or drug poisoning of undetermined intent (Y10–Y14), as coded in the International Classification of Diseases, 10th Revision. Source: Centers for Disease Control and Prevention, National Center for Health Statistics. Multiple Cause of Death 1999–2021 on CDC WONDER Online Database, released 1/2023.

Fonte: Stefan Anderson, Health Systems

do mercado mundial de bebidas alcoólicas, uma droga legal, estimado em US\$ 1,678 trilhão, em 2023.

O problema está, obviamente, no fato que essa soma estratosférica de dinheiro do tráfico de drogas ilegais não vai para empresas que se submetem ao controle de órgãos públicos, como no caso das empresas que produzem bebidas alcoólicas. Ela vai inteiramente para criminosos, estimulando a criação de organizações muito poderosas, que se infiltram em todos os campos, inclusive o financeiro.

Além disso, essa produção e comercialização não paga impostos (somente propinas) e escapa do controle da saúde pública, que tem que arcar com as consequências do consumo, gerando, dessa forma, um duplo custo para o Estado.

Em países em desenvolvimento, com Estados frágeis (normalmente os países produtores e comercializadores), essas organizações acabam se incorporando às estruturas governamentais. Isso cria problemas muito sérios, inclu-

sive de governabilidade.

Em segundo lugar, a inflexível “guerra às drogas” tende a encarcerar em massa, especialmente jovens pobres, negros ou indígenas, tanto em países consumidores, como os EUA, quanto em países produtores. Esse encarceramento massivo, somado a sistemas prisionais medievais, acaba tornando os cárceres centros de recrutamento e gerenciamento do crime organizado, como acontece agora no Equador. Ademais, tal fenômeno gera um problema social gravíssimo.

Do ponto de vista geopolítico, a “guerra às drogas” é, até certo ponto, uma imposição dos EUA a países produtores e comercializadores, especialmente latino-americanos. México, Colômbia e, agora, o Equador, sofrem bastante com as consequências de uma política inútil e contraproducente.

Essa política precisa ser revista. Não há, é claro, alternativas mágicas e simples. Mas talvez o exemplo de Portugal, que descriminalizou o consumo de todas as drogas ilícitas (não apenas a maconha), em 2001, possa inspi-

rar alternativas racionais e mais eficientes para um problema tão complexo e multifacetado.

Há, de fato, uma ampla literatura científica que mostra como o tipo de política adotado por Portugal reduz a morte por overdose e melhora a saúde dos consumidores. Também aumenta a segurança e diminui a criminalidade. E, ao contrário do que se poderia esperar, o consumo de heroína e de cocaína, duas das drogas mais problemáticas, caiu de 1% da população portuguesa para apenas 0,3%.

Assim, a substituição de uma política inflexível e intolerante, como a da “guerra às drogas”, por uma política mais racional, flexível e humana parece funcionar.

É algo que precisamos estudar e considerar.

Conforme teria dito Albert Einstein, insanidade é continuar fazendo sempre a mesma coisa e esperar resultados diferentes.

A “guerra às drogas” é insana.

\*Marcelo Zero é sociólogo, especialista em Relações Internacionais e assessor da liderança do PT no Senado.



# ELIANE DIAS: “O RACIONAIS JÁ É UMA ATIVIDADE SOCIAL POR SI SÓ”

Em entrevista à Focus, Eliane Dias, produtora à frente da Boogie Naípe, comemora o título de Honoris Causa concedido aos Racionais MC's pela Universidade de Campinas (UNICAMP) no final de 2023 e comentou planos para o 'Mano a Mano', podcast de sucesso tocado por Mano Brown, além de outros trabalhos

**Fernanda Otero**

**D**izer que Eliane Dias é empresária seria simplificar demais o arco de atividades que essa mulher negra, mãe, advogada, palestrante, política e feminista exerce. À frente da Boogie Naípe,

uma marca que na verdade é um hub de empresas, como a própria Eliane classifica, ela dirige negócios que vão do mundo artístico (cuidando da carreira de nomes como Racionais MC's, Mano Brown, Duquesa, Danzo, Yunk Vino e Victoria Cerrid), passando pela moda, produção cultural e, evidentemente, ativismo

político.

A CEO da Boogie Naípe já foi assessora parlamentar na Assembleia Legislativa de São Paulo e se define como de esquerda: “eu gosto de ser de esquerda!”

E como Eliane parece que nunca se cansa dos inúmeros trabalhos que realiza ou coordena, ainda arrumou um tempo para

se aprofundar mais no mundo business, formando-se no MBA em Gestão de Negócios na Fundação Getúlio Vargas, e emenda: “eu vou fazer uma pós em Direitos Autorais”, declara, como se fosse pouco.

Em entrevista exclusiva à Focus, a empresária revela a surpresa dos membros do grupo e festeja o título Honoris Causa concedido pela UNICAMP: “uma honra para todos eles.”

Eliane Dias afirma que profissionalmente é “um misto de coisas”, além de administrar também a marca Mano Brown. “Estava esquecendo de falar, a marca que a gente trabalhou, lançou o “Mano a Mano”. Pudera, com tantas atividades, alguma coisa escapa!

“Mano a Mano”, programa de entrevistas do Spotify apresentado por Mano Brown, já conversou com figuras do calibre de Lula, Sueli Carneiro, Marina Silva, Conceição Evaristo, Sonia Guajajara, Glória Maria, Gilberto Gil, Eduardo Suplicy. Enfim, a lista de celebridades é longa. O “Mano a Mano” completou quatro temporadas, alcançando milhares de seguidores.

O bicho da política e do ativismo de esquerda picou Eliane Dias desde muito cedo, e durante a entrevista, ela fez a seguinte confidência: “Querida estar lá trabalhando com o Lula, entendeu? Se ele me convidar, eu vou.”

### **Focus: Com tantas atividades profissionais, como você se apresenta?**

- Eliane: Hoje, profissionalmente, eu sou um misto de coisas, a minha empresa é uma hub, praticamente, porque embaixo da Boogie Naípe a gente tem a Yebo, que é uma empresa de moda, a gente faz roupa streetwear feminina, e estamos na Casa de Criadores, no dia 10 de dezembro, com uns looks ótimos. Temos a

Boogie Week (evento dedicado à cultura e arte negra), a Cosa Nostra, que é a marca Racionais, uma parceria com a Labbel Records, dois E-commerces, o Boogie Naípe Store, no qual foi feito um reposicionamento da marca neste ano, com a venda de roupas, entre outras coisas. E ainda tem a marca Eliane Dias, que eu trabalho, faço palestras, faço publicidade, e tudo mais. Então eu sou esse misto de coisas, eu sou empresária e empreendedora. Estava quase esquecendo de falar que a Boogie Naípe também administra a marca Mano Brown e a marca Racionais. A marca Racionais é uma marca muito forte, então a gente tem grandes trabalhos com ela. Pela marca Mano Brown lançamos o “Mano a Mano” no Spotify, que teve 64 episódios. Administramos de forma individual a marca Mano Brown, está tudo embaixo da Boogie Naípe.

### **- A Boogie Naípe completa 10 anos este ano, de onde surgiu a necessidade de criar uma produtora?**

- A empresa completou 10 anos, mas, na verdade, estou exclusivamente dedicada à Boogie Naípe há apenas três anos. Nos primeiros sete anos, eu trabalhava na Assembleia Legislativa e me dedicava à Boogie somente na parte da manhã. Em 2019, entrou uma nova gestão de extrema-direita, que mudou a configuração de poder na ALESP. A grande maioria das pessoas que assumiram cargos de liderança na Assembleia eram de direita, eu fui exonerada. Desde então, fiquei exclusivamente cuidando da Boogie Naípe. Na verdade, essa empresa foi pensada para cuidar apenas do Mano Brown, da marca Mano Brown. Em 2009, eu, o Mano Brown e mais dois sócios pensamos em criar uma marca, começamos a pensar na

marca Mano Brown. E aí o Mano Brown falou: “olha, eu não gosto de ter esse foco todinho na marca Mano Brown. Não quero misturar essa marca Mano Brown com roupa, com produtos, essas coisas”. Em 2010, depois de muita insistência, ele nos disse: “Vamos colocar outro nome, Boogie Naípe”, que quer dizer ‘do meu jeito’. O Naípe significa a sua vestimenta e o boogie é a ginga, o seu jeito de fazer as coisas. Eu gostei.

Em 2009, pensamos no produto, em 2010, no nome, e, em 2011, começamos a formalização, a construção da identidade visual. Esse foi um processo gradual. Já em 2012, surgiu uma nova proposta de que a empresa não se limitasse exclusivamente à marca Mano Brown e ampliasse o escopo cuidando também da marca Racionais. Em março de 2013, entrei nesse prédio para cuidar da marca Racionais e da marca Mano Brown. Estamos próximos ao Terminal Capelinha, bem perto do Capão Redondo. A casa, o espaço, já ficou pequeno para nós.

### **- Como é que você avalia esses 10 anos de atividade da Boogie Naípe?**

- É um desafio. Avalio o desafio, a resiliência, o aprendizado enorme, gigante. Fui fazer MBA para entender o que era gestão de negócios, porque sou advogada, a minha formação é no Direito. Então entrei aqui sem saber nada, absolutamente nada de gestão de negócios. Fui estudar para fazer a gestão dos negócios. A minha sobrinha, que era minha sócia, estava mais adiante, ela é formada em Ciências Contábeis, então fazíamos a administração juntas. O Mano Brown era sócio, mas não estava aqui na administração da empresa, e o outro sócio também, economista, estava cuidando da vida dele. Nós duas

ficávamos aqui administrando, depois todo mundo saiu, fiquei sozinha, e foi um desafio legal, um aprendizado. Nesse momento, eu trouxe meu filho para ser meu sócio. Tive que aprender tudo: sobre tributos, empresas, funcionários, sobre tudo. Fui aprendendo tudo, foi um desafio que envolveu muita resiliência. Tem muita gente que fica perturbando, e dizendo que as empresas terminam em dois anos, essas coisas. A minha empresa fecha quando eu quiser. No dia que não quiser mais, eu fecho.

#### **- Você está administrando a carreira da sua filha também?**

- Eu não quis administrar a carreira da minha filha. Ela tem seu empresário, eu não tenho conhecimento para administrar a carreira de uma atriz. Além de que eu amo muito minha filha, amo muito meu filho, eu não quero ficar brigando por dinheiro. Eu estou sempre presente, estou sempre com ela, acompanho todos os contratos e tudo sobre a carreira dela. Mas, ela tem uma agência que faz isso por ela, e eu supervisiono tudo.

#### **- Você prefere trabalhar com a sua família? Você falou da sua sobrinha, do seu filho...**

- Na verdade, nem é bom trabalhar com a família, eu aprendi que não podemos colocar para trabalhar conosco aqueles que não podemos mandar embora. Então, não é bom trabalhar com a família. Aprendi com o decorrer do tempo que não é uma coisa boa. Você encerra a relação empresarial e encerra a relação familiar, e isso é péssimo, eu não gosto. Meu filho está com 28 anos agora, e ele começou a trabalhar comigo quando ele tinha 16, 17. Era legal trabalhar com ele, ele precisava ter responsabilidade, e aí decidi trazê-lo para trabalhar comigo. Minha filha co-

meçou a trabalhar cedinho também, ela também é minha sócia. Eles trabalham comigo porque eles são meus herdeiros, só por isso, porque se eles não fossem meus herdeiros, eles não iriam trabalhar comigo. Não trabalho mais com parentes.

#### **- O que é o projeto "Boogie Week"?**

- É um projeto para trazer um entendimento da cultura negra, é fazer as pessoas entenderem de uma forma gostosa o que é a cultura negra. A Boogie Week é uma Semana de Cultura Preta, uma semana onde temos a oportunidade de colocar todo mundo que faz cultura preta no mesmo espaço. A primeira edição foi em 2021, em plena pandemia. Embora tivesse uma grande logística envolvida por se tratar de um evento online, foi mais fácil, pois usamos uma única sala, filmamos tudo e entregamos.

Em 2022, na segunda edição, já foi mais complicado, porque optei por fazer dentro do Ibirapuera com atividades online. O dia principal do evento coincidiu com a data do primeiro turno das eleições. Como ativista, eu estava bem insegura do que poderia acontecer com as pessoas negras, com as pessoas LGBTQ+. Organizamos uma semana inteira de palestras e um grande show no sábado, deu tudo certo. Neste ano, planejamos um evento maior. A princípio, eu queria fazer no teatro do Ibirapuera, porque tem aquele palco reversível. Mas fiz uma consulta bem minuciosa ao clima que previa muita chuva; eu não podia arriscar, as datas não batiam. Fizemos uma parceria com o Museu Afro-Brasil Emanuel Araújo, algo que eu já queria fazer há bastante tempo. Eu tinha que fugir da data do dia 20, pois a concorrência é muito grande, tem muita coisa acontecendo no 20 de novem-

bro. Assim, optamos por realizar no Museu, e foi lindo.

#### **- Esse será um evento fixo da Boogie?**

- A ideia é realizar o festival até quando ele der prazer, até quando ele fizer sentido, o objetivo ainda não foi alcançado. No próximo ano, vai ter, sim Boogie Week. Este ano, promovemos palestras para falar sobre plataformas digitais com dois representantes de empresas que são pessoas negras. Exibimos três curtas para as crianças, e um deles foi dirigido e filmado por uma diretora negra. Teve a roda dos 50 anos de Hip Hop, artistas, um monte de coisas aconteceram nessa semana. Onde tem cultura negra, acho que tem espaço para trabalhar.

#### **- O Festival apresentou o talentoso October London, como foi recebê-lo?**

- Foi a primeira vez que ele veio ao Brasil, o show teve quase 4 mil pessoas, um artista revelado pelo Snoop Dogg. O show foi muito bom, mesmo com a chuva fina que caiu.

#### **- O que você achou da lei sobre o Hip hop ser uma referência na cultura brasileira?**

Eliane: Acho ótimo, o Hip hop é referência, eu vivo isso, eu vivo o Hip hop. Estou com o Pedro Paulo há 30 anos, e há mais de 30 anos o Hip hop está aí. Isso é só a ponta, é só o começo; eu acho que tem que vir muito mais. Quando a UNICAMP tornou obrigatório a letra da música "Sobrevivendo no Inferno", as pessoas só tinham acesso pelo vídeo. Eu falei: não, as pessoas têm que ler o livro, e a Companhia das Letras lançou um livro com as músicas do álbum "Sobrevivendo no Inferno". As pessoas ampliam a cabeça quando leem o livro, quando ouvem as músicas. São milhões de

peessoas que ouvem rap. Que venham outras leis que coloquem o rap no seu devido lugar, que reconheçam o DJ, o MC, que reconheçam o grafite. O break está na Olimpíada, e o break é uma das três pontas do Hip hop.

### **- Quais outros artistas você está administrando, além do Racionais?**

- Hoje, na Boogie, cuidamos das carreiras de Racionais MC's, Mano Brown, Duquesa, Danzo, Yunk Vino e Victoria Cerrid. Cuidamos da burocracia da Labbel. Hoje em dia, eu quero ser mais criteriosa; eu nem quero ter muitos artistas para administrar. Administrar uma carreira de artista é muito difícil; é um investimento de tempo e recurso financeiro muito alto para fazer um artista se destacar. É um trabalho que você tem que ir até os festivais, tem que fazer networking, tem que conversar com todo mundo, apresentar e entregar o seu artista, fazer música boa. Tem que entender tudo que está acontecendo, tem que entender de direito autoral, onde aquele artista passa, qual o nicho daquele artista, pensar na roupa, qual é a cor, qual é a cultura. Um trabalho enorme que não se esgota na música.

E o artista, ele é um personagem. A pessoa é uma coisa, o personagem é outra coisa. E aí, nós somos pessoas que trabalhamos com aqueles personagens. Eu quero potencializar o que eu já tenho. O artista, para trabalhar comigo hoje, ele tem que ser comprometido; ele tem que trabalhar a rede social dele todos os dias, a cada dois dias, ele tem que postar ali na rede dele; tem que ser comprometido. Ele tem que saber que ele tem que ter um posicionamento; ele não pode sair falando qualquer coisa, fazendo qualquer coisa. Ele não pode sair por aí brigando,

socando todo mundo. Ele tem que chegar no horário; ele tem que entregar; ele tem que fazer música; ele tem que ter o visual bonito. A carreira tem que ser a prioridade total; ele tem que estar comprometido integralmente. Se ele me disser: 'Isso é o que eu quero para minha vida', assim eu posso aceitar outros artistas. Quando vejo um artista, procuro aquela coisa que você olha uma, duas vezes e pensa: nossa, tem uma coisa intrigante aqui; eu quero ficar olhando para essa pessoa. O artista tem que ter muito compromisso com esse personagem para trabalhar comigo

### **Qual é a diferença da Eliane Dias personagem, da artista e da mulher?**

- Não tem diferença, eu tenho esse problema. Sou Eliane Dias, não sou personagem; eu me daria melhor com as redes se eu tivesse um personagem, eu até tentei criar um personagem, mas eu não consigo. Sou a doutora Eliane Dias. A hora que não existir mais a empresária, eu volto para o meu escritório de advocacia, é disso que eu gosto. Você não vai me ver de biquíni, não vai me ver de decotão; você vai ver a doutora Eliane Dias o tempo todo, eu gosto de ser advogada. Fui conselheira por dois anos na Ordem dos Advogados do Brasil; hoje, eu faço parte do Poesis (Organização Social gestora de Cultura) e faço parte da Unesco. Então, não tem personagem, eu sou isso aqui. Eu fiz o MBA em Gestão Empresarial e vou fazer uma pós em Direitos Autorais assim que formarem a turma na FGV. Eu continuo cuidando da minha carreira de advogada.

### **- E vocês estão fazendo algum trabalho social no momento?**

- Não, eu não quero fazer nada nesse sentido. Eu quero fazer a

Boogie Week, eu quero cuidar da Labbel, da Boogie Naípe Store. Eu quero trabalhar o que eu já tenho na mão. Os Racionais já são uma atividade social por si só. A Boogie Week arrecadou alimentos, e estou direcionando para a ONG Capão Cidadão, administrada pela minha irmã. Todo o trabalho que eu puder fazer para contribuir com eles, eu faço. Eles atendem 120 crianças e 120 mulheres. A campanha de Natal agora é para a Capão Cidadão. Não adianta a gente querer fazer 10, 15 coisas que não dá.

Agora, os artistas, cada um pode ter a sua vertente, ter o seu segmento. O Mano Brown pode ajudar outras organizações; aí é da parte dele, e ele realmente ajuda outras organizações. O Edi Rock ajuda outra entidade, o KL Jay também tem ajudado outras organizações. O Racionais MC's também, sempre que são solicitados, eles ajudam também. Então, acaba que cada um pega um cantinho, cada um pega um e dá uma ajuda. A Boogie Naípe ajuda uma, o Mano Brown ajuda outra, os Racionais, sempre que podem, estão ajudando outra organização. Assim, estamos envolvidos dessa forma.

### **Quais são os seus planos, os seus projetos para 2024? Vai ter viagens internacionais, show internacional?**

- Meus planos são infinitos. Tudo que eu penso, eu realizo. Então, eu tenho vários projetos chegando aí. Posso falar sobre um que já está em andamento, que é a Casa de Criadores. Nós estaremos na Casa de Criadores no dia 10 de dezembro, com a marca Yebo. Mas em dezembro, eu tenho novidades; em janeiro, teremos novidades. Então, vamos seguir trabalhando. Tem muita coisa boa para fazer.

### **- Saindo um pouco da arte e en-**

**trando na arte da política, como é que você está vendo o governo Lula, os seus ministros e ministras, como você avalia esses primeiros 11 meses de governo?**

- O governo está tentando. Ele está trazendo pessoas que têm propriedade para falar sobre um assunto. Posso falar sobre a questão indígena? Não tenho essa propriedade, posso até falar, mas não vou ter a mesma empatia que a Sônia (Guajajara). Não vou estar no mesmo lugar de fala que ela, com tanta paixão, com tanto amor, com tanto carinho, entendeu? Então, o Lula está colocando as pessoas certas no lugar certo. Sou estrategista política, gosto de política, sei como a política funciona. Sou de esquerda, queria estar lá trabalhando com o Lula, entendeu? Se ele me convidar, eu vou. Converso com pessoas-chave nos momentos-chave, estudo com afinco alguns assuntos, mas sei que há coisas que não são possíveis fazer, no sentido estrito da palavra 'política'. Trabalhei 10 anos na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, e não tinha como eu trabalhar sem dialogar com a direita. Como acompanhar um projeto de lei, por exemplo, que envolvesse casas de matriz africana? Esse projeto jamais seria aprovado se não conversássemos com a bancada evangélica. Por isso, não dá para a direita fazer um trabalho sem conversar com a esquerda, e vice-versa, já que as Comissões são compostas por parlamentares de diferentes partidos políticos. Tem assuntos que eu já sei que não adianta entrar, já vejo de longe. Mas a sociedade é o que mais importa, o povo é o que mais importa, sabe? O povo é que realmente faz a coisa acontecer. Quando o povo põe a mão na massa e diz: "eu quero que esse assunto seja resolvido", o povo consegue. Tudo está nas

mãos do povo.

**Você falou do "Mano a Mano"? Podemos esperar uma nova temporada do podcast?**

- Estou torcendo aqui, estou de dedinhos cruzados. É incrível ouvir as pessoas; eu me sinto privilegiada. Fiquei lá horas ouvindo Sueli Carneiro, horas ouvindo o próprio presidente Lula. Fiquei horas ouvindo as pessoas que eu admiro e também as pessoas que não admiro, entendendo por que as pessoas são daquele jeito. Tinha pessoas que eu não admirava, mas eu fiquei lá ouvindo e vendo o seu posicionamento e por que ela é daquele jeito, por que ela tomou aquela decisão, porque ela foi por aquele caminho.

Eu entendi, depois de ouvir aquelas 64 pessoas, que tem espaço para todo mundo. Acompanhei a maioria das gravações, ouvi todos os podcasts, prestei atenção. Tive o prazer de ouvir a minha amada, que Deus a tenha em bom lugar, a Glória Maria; fiquei lá ouvindo a Glória Maria falar, entendeu? Estou torcendo para que o universo conceda mais uma temporada, que Deus abençoe que a gente consiga mais uma temporada. Estou torcendo por isso.

**- Você participava na construção dessa lista e tinha essa preocupação de trazer vozes dissonantes?**

- Sim, esse é o propósito. A gente faz um brainstorm, a Boogie Naípe, o pessoal da Gana e o Spotify. Construímos uma lista de nomes e apresentamos ao Mano; depois que ele aprova, mandamos para o Spotify nos Estados Unidos. Quando o Spotify dá ok, a gente sai atrás dos convites. Temos essa preocupação de ouvir pessoas que a gente não sairia para tomar um café. Queremos ouvir todo mundo, porque o

Brasil estava tão polarizado e nós não tínhamos mais a escuta um do outro. É importante ouvir todo mundo; é importante ouvir uma criança falar. As pessoas não ouvem as crianças, os jovens; o índice de suicídio está absurdo. A cada quatro segundos no mundo, uma pessoa se mata. Então, é importante ouvir.

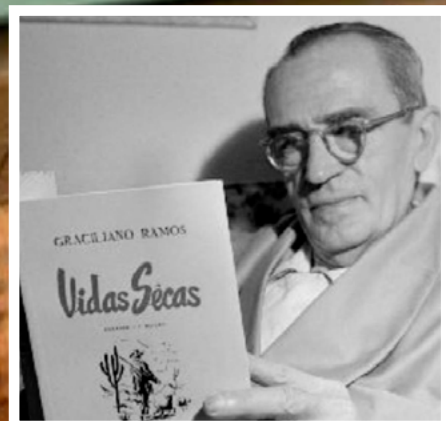
É importante, eu tenho que ouvir uma criança de quatro anos, de cinco anos, de 16 anos. Eu tenho que ouvir uma pessoa que não gosta de preto e entender por que ela não gosta de preto, por que não gosta de mulher. Agora, por exemplo, tem um movimento de homem que gosta de mulher de até 30 anos. Eu quero entender o que é isso, se é só um marketing, ou se é ignorância mesmo. Então, é importante a gente escutar o outro. Eu gosto muito de ver essas coisas contrárias. É muito interessante quando a gente pode ouvir e ouvir as outras pessoas. É muito interessante a gente calar a boca e ficar prestando atenção numa coisa que a gente não gosta muito, pra gente entender até porque a gente não gosta, entendeu?

**Como vocês receberam a notícia do título de Honoris Causa aos Racionais MC's, concedido pela UNICAMP?**

- Recebemos com muita alegria esta notícia e ficamos surpresos também. Todos eles ficaram surpresos e felizes com esse reconhecimento. Acho que é uma coisa muito importante para o trabalho deles. Da minha parte, fiquei muito feliz e muito agradecida. É muito importante esse olhar voltado para o Racionais de forma tão importante e tão honrosa; é um presente. Fico feliz que isso esteja acontecendo durante este momento em que estou aqui sendo a empresária deles. Estou muito feliz.

GRACILIANO RAMOS

ANGÚSTIA



# EDITORAS PREPARAM RELANÇAMENTOS DE GRACILIANO RAMOS

Clássicos do escritor alagoano, cuja obra caiu em domínio público este ano, terão novas edições

**Bia Abramo**

**S**e 2023 foi o ano de Machado de Assis, que teve sua obra completa reeditada, 2024 promete ser o ano de Graciliano Ramos. É que a obra do alagoano caiu em domínio público, isto é, não é mais necessário pagar direitos autorais para os herdeiros e, por isso, qualquer editora pode publicar o autor.

Segundo a lei brasileira, os herdeiros de um escritor detêm direitos sobre sua obra nos 70 anos depois de sua morte. Graciliano morreu em 1953 e, por isso, começou a corrida das editoras para relançarem suas versões dos romances clássicos do autor, como "Vidas Secas", "São Bernardo", "Angústia", entre outros, e também por textos inéditos.

A editora Todavia saiu na frente e já prepara uma edição organizada pelo pesquisador Thiago Mio Salla. Reconhecido especialista na obra do escritor, o professor foi convidado para coordenar um projeto de publicações do autor que inclui romances e uma seleção de cartas com material inédito. Um dos primeiros livros a serem lançados é "Os Filhos da Coruja", poema de 1923 publicado com o pseudônimo J. Calisto, que sairá pelo Baião, selo infantil da Todavia.

A família de Graciliano, cujo representante é o neto Ricardo Ramos, também escritor, discorda dessa iniciativa. De acordo com Ramos, Graciliano deixou instruções a respeito de seus escritos e a publicação deste inédito não estaria de acordo com suas determinações. Graciliano, de fato, ficou conhecido pelo ri-

gor de suas revisões ao texto original. O projeto das reedições, inclusive, contempla essa característica, uma vez que consistirá em edições que cotejarão diferentes versões dos textos e notas elaboradas por intelectuais que compuseram a fortuna crítica do autor, como Antonio Candido.

Outras editoras, como a Companhia das Letras, Antofágica e o Clube de Literatura Clássica, vão investir no seguro e devem reeditar três dos seus principais romances: "Angústia", "São Bernardo" e "Vidas Secas". A Record, editora de Graciliano desde 1975, relança em box os mesmos três romances mais consagrados do autor e uma versão de bolso de "Vidas Secas". Ainda, recuperou, sob o nome de "Prefeito Escritor", os famosos relatórios da atuação do escritor como prefeito de Palmeira dos Índios.



13 DE JANEIRO DE 2005

## PROUNI VIRA LEI

O governo federal sanciona a Lei nº 11.096/2005, que institucionaliza o Programa Universidade para Todos (ProUni), que havia sido lançado por medida provisória em setembro de 2004. O programa destina bolsas integrais ou parciais (de 50%) em faculdades privadas de todo o país a alunos de baixa renda. As vagas são oferecidas em contrapartida à isenção tributária das instituições privadas de ensino superior. Para concorrer a uma bolsa, o estudante não podia ter

diploma de curso superior e precisava se enquadrar em uma das seguintes condições: haver cursado o ensino médio na rede pública (ou na rede particular como bolsista integral); ser pessoa com deficiência; ser professor da rede pública de ensino.

Entre 2005 e 2010, mais de 1,1 milhão de estudantes brasileiros de baixa renda seriam beneficiados pelo ProUni, tornando-o o maior programa de concessão de bolsas da educação brasileira.

15 de janeiro de 2006

## BACHELET É ELEITA PRESIDENTA DO CHILE

É eleita a primeira mulher presidenta do Chile: Michelle Bachelet, do Partido Socialista (PS). Ele sucede a Ricardo Lagos, também do PS, um dos primeiros nomes da nova esquerda latino-americana a chegar ao poder, em 2000.

Médica e filha de militar da Aeronáutica – seu pai, Alberto Bachelet, membro do governo Allende, fora assassinado pela ditadura de Pinochet –, Michelle já fora ministra da Saúde no governo Lagos e, em seguida, ministra da Defesa – a primeira mulher a ocupar esse cargo na América Latina.

No primeiro turno, realizado em dezembro, Bachelet obtivera 45,95% dos votos, contra 25,41% de Sebastián Piñera, com quem disputou o segundo turno, obtendo 53,5% do total dos votos contra 46,5% de Piñera. Ele seria eleito presidente no pleito de 2010.

Bachelet foi sétima mulher a exercer a Presidência na América Latina – depois da nicaraguense Violeta Chamorro, da argentina Isabelita Perón, da boliviana Lidia Gueiler Tejada, da equatoriana Rosalía Arteaga, da haitiana Ertha Pascal-Trouillot e da panamenha Mireya Moscoso.

Como a lei chilena impede a reeleição consecutiva, Michelle Bachelet voltaria a concorrer em 2013, sendo novamente eleita no segundo turno.

*Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Envie suas sugestões por e-mail para [memoria@fpabramo.org.br](mailto:memoria@fpabramo.org.br) [memorialdademocracia.com.br](http://memorialdademocracia.com.br)*





# BRASIL

## 200 anos de lutas e resistências do povo trabalhador

Everaldo de Oliveira Andrade (Org.)

Ângela Maria de Sousa Silva | Berenice Gomes da Silva  
Carlos A. Ferreira Martins | Cynthia Soares Carneiro  
Eduardo Silveira Netto Nunes | Fernanda Rodrigues Galve  
Francisco das Chagas Pereira | Francisco Elias de Araújo  
Jean Pierre Chauvin | João Maurício Gomes Neto | John Kennedy Ferreira  
José Sergio Gabrielli de Azevedo | Kátia Cilene do Couto  
Lyndon de Araújo Santos | Marcelo Sampaio Carneiro  
Márcia Regina Barros da Silva | Raimunda N. Monteiro | Ronald Rocha  
Vitor Eduardo Schincariol | Zeneide Pereira Cordeiro



FUNDAÇÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores

HUCITEC  
EDITORA